

“ESSE EITO É MEU”: O TRABALHO NO ESPAÇO DO CANAVIAL**"THIS EITO IS MINE": WORK IN THE SPACE OF CANAVIAL****"ESTE EITO ES MÍO": OBRA EN EL ESPACIO DE CANAVIAL****Ariana Castilhos dos Santos Toss Sampaio¹****Maria das Graças de Lima²****Luciana Moraes Silva³**

Resumo: Este artigo tem por objetivo abordar os resultados parciais da dissertação de mestrado concluída em 2020. Sendo assim, o objetivo deste artigo é explicar como o eito do canavial é organizado e como o trabalho de cortar cana-de-açúcar é efetivado e suas principais particularidades. Para obtermos os resultados realizamos revisão bibliográfica e entrevistas após aprovação do Comitê de ética com 12 cortadoras de cana-de-açúcar no município de Tamboara-PR. Para realização das entrevistas utilizamos questionários com questões semiestruturadas. Através das entrevistas compreendemos que as dificuldades encontradas no trabalho de cortar cana estão relacionados aos diferentes eitos que dificultam a atividade e que o trabalho é intensificado pela forma de pagamento vigente, o pagamento por produção.

Palavras-chave: Trabalho; Canavial; Pagamento por produção.

Abstract: This article aims to address the partial results of my master's thesis completed in 2020. Therefore, the purpose of this article is to explain how the sugarcane plantation is organized and how the work of cutting sugarcane is carried out and its main features. To obtain the results, we carried out a literature review and interviews after approval by the Ethics Committee with 12 sugarcane cutters in the city of Tamboara-PR. To carry out the interviews, we used questionnaires with semi-structured questions. Through the interviews, we understand that the difficulties found in the work of cutting cane are related to different ethos that make the activity difficult and that the work is intensified by the current form of payment, payment for production.

Keywords: Labor; Sugarcane; Production Payment.

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá-PR. E-mail: ariana_marcos@hotmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5002903878560665>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2159-3928>

² Doutora em Geografia. Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá-PR. E-mail: mglima@uem.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/0957394759457048>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3554-1256>

³ Doutoranda Programa de Pós Graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá-PR. E-mail: luciana_moraess@hotmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/2441458416756320>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1314-2852>

Resumen: Este artículo tiene como objetivo abordar los resultados parciales de mi tesis de maestría finalizada en 2020. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es explicar cómo se organiza la plantación de caña de azúcar y cómo se realiza el trabajo de corte de caña de azúcar y sus principales características. Para obtener los resultados, se realizó una revisión de la literatura y entrevistas luego de la aprobación del Comité de Ética con 12 cortadores de caña de azúcar en la ciudad de Tamboara-PR. Para la realización de las entrevistas utilizamos cuestionarios con preguntas semiestructuradas. A través de las entrevistas, entendemos que las dificultades encontradas en el trabajo de corte de caña están relacionadas con diferentes ethos que dificultan la actividad y que el trabajo se intensifica con la forma de pago actual, el pago por producción.

Palabras clave: Mano de obra; Caña de azúcar; Pago de producción.

Introdução

O trabalho de cortar cana-de-açúcar é centenário, efetivado desde início do período da colonização portuguesa no país. Inicialmente realizado pelos índios escravizados e concomitantemente por africanos trazidos de forma forçada do seu continente para também servir de mão de obra escrava. Esta atividade ao longo dos anos passou por modificações na forma como é realizada. Outrora, cortada e medida em feixes, atualmente, auferida por metro.

Várias foram às mudanças que ocorreram nos eitos dos canaviais (espaço no canavial onde é realizado o trabalho de cortar cana-de-açúcar) no entanto, o que ainda continua é a utilização da mesma ferramenta: “o facão”, que em outros momentos também chamado de “podão”. É no eito do canavial que o trabalho de cortar cana-de-açúcar é realizado, é neste mesmo eito que ocorrem às relações de trabalho entre fiscal e trabalhador. É neste espaço que homens e mulheres realizam esta difícil atividade de cortar cana-de-açúcar.

Este artigo aborda resultados parciais da pesquisa realizada no mestrado efetivado em 2020, analisando como é organizado o “eito” e suas nuances. Partindo da vivência de Sampaio (2020) enquanto cortadora de cana, atualmente na condição de professora e pesquisadora, pôde avaliar as condições e relações de trabalho dos cortadores de cana na região noroeste do estado do Paraná.

Como metodologia realizou-se revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas com as mulheres cortadoras de cana-de-açúcar após aprovação do Comitê de ética – COPEP, que relataram o passo a passo de como o eito é organizado e o trabalho efetivado. Desta forma, para melhor compreensão e organização das informações contidas neste trabalho, organizou-se a discussão da seguinte forma: a primeira parte irá abordar como o eito do canavial vem sendo organizado ao longo dos tempos, a segunda irá explicar como é a forma de pagamento vigente

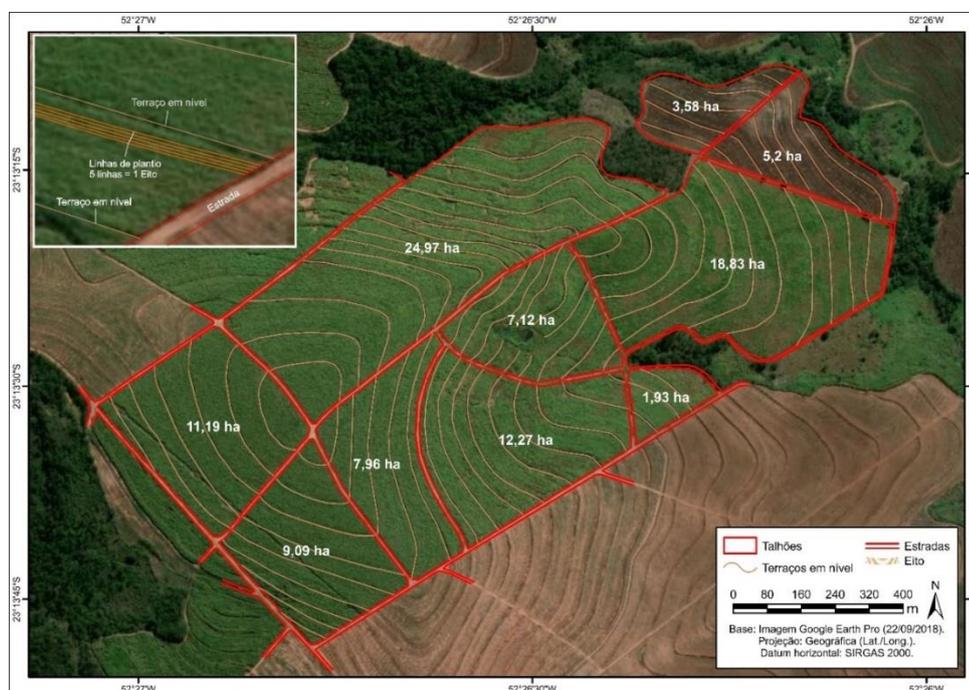
nos canaviais, e, a terceira parte, aborda as peculiaridades de como o trabalho é realizado no eito e como os diferentes tipos de eito podem interferir no rendimento do trabalho.

O espaço do canavial

É no espaço do canavial que o trabalho de cortar cana-de-açúcar é realizado composto por ruas que são divididas entre terraços e bacia. Para compreender como é constituído esse espaço da cana, buscou-se informações da Agência Embrapa de Tecnologia e Informação-AGEITEC (2019).

Para cultivar um canavial é necessário fazer um planejamento da área realizando um levantamento topográfico; efetivar um trabalho de engenharia agrônômica nos locais do plantio; dividir a área em talhões e, depois, inserir os carregadores principais e secundários. Os talhões são as divisões da área a ser plantada em unidades menores (AGEITEC, 2019). Em decorrência da mecanização, estes talhões são geralmente planos com linhas de cana com grande comprimento, evitando assim as manobras. Estes talhões não possuem uma única medida, podendo ter de dois a vinte hectares, como mostra o mapa1.

Mapa 1: Área dividida em talhões. Tamboara – PR.



Elaboração: CARLOS; SAMPAIO (2019).

São nestes talhões que ocorre a execução de terraços que favorece a conservação do solo. Os terraços são muito importantes na região, pois o clima propicia chuvas ao longo do ano e o solo Arenito Caiuá é friável. A presença deles é um importante aliado no combate às erosões: “O terraceamento da lavoura é uma prática de combate à erosão fundamentada na construção de terraços com o propósito de disciplinar o volume de escoamento das águas das chuvas” (EMBRAPA, 2016, p. 2).

Após preparar o terreno é iniciado o plantio da cana-de-açúcar que deve ser planejado para receber o uso intensivo de máquinas na colheita. De acordo com a União dos Produtores de Bioenergia- UDOP (2016, p. 1): “as opções mais utilizadas hoje são espaçamento alternado de 1,50 m ou 1,60 m por 0,90 m, o duplo alternado e o espaçamento simples 1,50 m. Sendo o espaçamento simples 1,50 m o mais utilizado, 88% das usinas aderem a esta técnica”.

Para plantar a cana-de-açúcar são realizadas as seguintes etapas: “Corte de muda; distribuição no sulco; corte dos colmos⁴ em pedaços menores, dentro do sulco e cobertura” (AGEITEC, 2019, p. 1). O cultivo da cana-de-açúcar pode ser feito em três épocas diferentes: sistema de ano-e-meio, sistema de ano e plantio de inverno⁵. O plantio pode ser realizado manualmente ou por meio de máquinas. Na região noroeste do Paraná, no caso do Condomínio de Produtores Rurais de Cana-de-Açúcar - AGROCANA, o plantio manual é o mais utilizado. Para Silva (1999), estes talhões são considerados o departamento da fábrica, em que as tarefas são divididas e realizadas.

O talhão apresenta o talho, a parte no conjunto do canavial [...]. Fisicamente é uma parte delimitada pelos carregadores em que circulam caminhões tratores etc. Além destas constatações geográficas, o talhão constitui uma espécie de “departamento de fábrica”. O controle da produção, da produtividade da turma do caminhão é feito em cada talhão, em cada departamento do conjunto da unidade produtiva. (SILVA, 1999, p. 150)

Neles, são realizadas a divisão e execução do trabalho tanto de plantar, como de colher a cana-de-açúcar. As equipes de cortadores são divididas por talhão, e o fiscal fica responsável por dividir os eitos. Os eitos são compostos, geralmente, por cinco linhas de cana (mapa 1), mas

⁴ O colmo é constituído de nós e entre nós; em cada nó existe uma gema, protegida pela bainha da folha (BEAUCLAIR, 2016).

⁵ Sistema de ano-cana de 18 meses, sistema de ano-cana de 12 meses, no sistema de inverno, é o plantio da cana no tempo de estiagem (EMBRAPA, 2019).

podem vir a ter seis ou até mesmo sete linhas. Na região noroeste do Paraná, onde atua a Agrocana, os eitos não passam de seis linhas.

São nos eitos da cana que o trabalho de corte é realizado. Os eitos variam dependendo do tipo de solo, topografia, variedade da cana (FERREIRA, 2008). Também nos talhões têm os carregadores e as estradas principais por onde circulam os ônibus com os trabalhadores, os caminhões e tratores que realizam o transporte da cana-de-açúcar cortada pelos trabalhadores ou por máquinas para as usinas sucroalcooleiras.

É no espaço do canavial que acontece toda a dinâmica, desde o plantio até a colheita. A cada ano, novas técnicas vão surgindo, variedades que possam produzir mais, máquinas que agilizam o processo e aumentam a produtividade, características próprias do agronegócio. Só não muda a forma de pagamento fornecida aos cortadores de cana-de-açúcar, o pagamento por produção, pois foi à forma de pagamento viável e lucrativa que os usineiros efetivaram em suas usinas.

Pagamento vigente no eito da cana: o pagamento por produção

Para entendimento de como o trabalho é realizado no eito da cana, é necessário abordar o pagamento “por produção”, porquanto o ritmo do trabalho de cortar cana está submetido a esta forma de pagamento.

Com o seu passado de exploração marcado pela escravidão de indígenas e negros, o trabalho de plantar e cortar cana, atualmente, é composto por indivíduos de ambos os gêneros e mão de obra assalariada. Mesmo com tantos avanços tecnológicos no setor sucroalcooleiro, a mão de obra ainda utiliza técnicas rudimentares, sendo a sua força e habilidade essenciais neste trabalho, principalmente nos lugares em que a máquina não entra devido à declividade ou o solo é duro.

O laborioso cortador de cana-de-açúcar, até os dias de hoje, recebe por produção. Seu salário é referente à produção que realizou. Este pagamento por produção pode ser compreendido quando recorremos ao salário por peça explicado por Marx (2001) em seu livro “O Capital: crítica da economia política”. Marx (2001[1868]) aborda dois tipos de salário: o salário por tempo e o salário por peça. “No salário por tempo, o trabalho se mede diretamente por sua duração; no salário por peça, pela quantidade de produtos em que o trabalho se materializa num dado espaço de tempo” (MARX, 2001[1868], p. 639).

No salário por peça é possível produzir mais mercadorias em um mesmo período de tempo. Por meio desta modalidade, é possível ocorrer à elevação de salários individuais, visto que a produção vai depender da agilidade e força de cada trabalhador. Marx (2001[1868]) explica que estas elevações de salários individuais ocorrem da seguinte maneira:

No regime de salário por tempo, prevalece, com poucas exceções, salários iguais para as mesmas funções, e, no regime de salário por peça, em que se mede o preço do tempo de trabalho por determinada quantidade de produto, o salário diário ou semanal varia com as diferenças individuais dos trabalhadores, de modo que, num determinado espaço de tempo, um produz o mínimo, outro, a média, e terceiro, mais do que a média. Surgem grandes diferenças quanto a receita obtida, conforme a habilidade, a força, a energia, a persistência de cada trabalhador individual (MARX, 2001[1868], p. 641).

Sendo assim, no salário por peça, o trabalhador tem a ilusão de pensar no seu autocontrole sobre o seu trabalho. Para aumentar a sua produtividade, utiliza-se de maior energia, força e habilidade, possibilitando as diferenças de salários individuais. Quanto maior a intensidade, maior a produtividade em um mesmo período de tempo.

Nesta modalidade por “peça”, o trabalhador já sabe previamente o valor que será pago por cada peça produzida, porém, o trabalho de cortar cana é realizado por produção, mas ele não tem o controle de quanto vai ganhar, pois o preço pago pelo metro/cana varia muito e é passado para os cortadores quando já foi realizada uma parcela do seu trabalho.

No entanto, esta forma de pagamento vigente nos canaviais não era realizada desta forma até a década de 1950 (SIGAUD, 1979). Antes deste período, o trabalhador ganhava por feixes, e estes já tinham o valor estipulado, o que possibilitava ter controle de quanto iria ganhar naquele dia de trabalho. Este sistema de feixe foi substituído, após a década de 1960, pelo sistema de *conta*.

No sistema de *conta*, a diária é paga conforme a produção de cada trabalhador. Neste sistema, o trabalhador não ganha mais pelo número de canas cortadas, todavia ganha pelo peso que a cana venha a ter: “A *conta* corresponde a uma jornada de trabalho e nela o trabalhador é remunerado por dia, não na base da diária, mas na base da produção” (SIGAUD, 1979, p.137).

Deste modo, o trabalho por *conta*, ou seja, por tonelada ou por produção, passou a ser a forma de trabalho vigente na agroindústria canavieira. O trabalhador deixou de ser remunerado pela quantia de feixes que cortava e passou a ser pago por tonelada.

A partir da década de 1960 o pagamento por produção passou a ser vigente nos canaviais (SILVA, 1999). O descontentamento dos trabalhadores surgiu quando o sistema de feixe foi substituído pelo sistema de tonelada, que veio a ser chamado de “Campeão”. Esta denominação foi dada pelos cortadores ao caminhão que era carregado com a cana-de-açúcar e levado para a usina para pesar e realizar a conversão de toneladas/metros (SILVA, 2006). Para realizar esta conversão de toneladas para metros, são escolhidas e cortadas várias canas em diferentes locais dos talhões, que são transportadas para a agroindústria canavieira, onde é realizada a pesagem. Logo após, o peso obtido é convertido em metro/cana, veja o exemplo:

Característica da área**Superfície:** 1 alqueire ou 24.200m²**Número de linhas:** 5**Espaçamento entre linhas:** 1,40 metros**Produtividade:** 200 toneladas**Cálculo do preço do metro****Largura da área:** espaçamento entre linhas ou $1,40 \times 5 = 7$ metros**Comprimento da área:** superfície \div largura da área
ou $24.200 \div 7 = 3.457$ metros

O comprimento da área é a medida que se está procurando. Se a produtividade do alqueire é de 200 toneladas, o valor do comprimento da área também é de 200 toneladas, portanto usa-se uma “regra de três”:

Se 200 toneladas equivalem a 3.457 metros, uma tonelada equivalerá a X

$$\begin{array}{r} 200 \quad \underline{\quad} 3,457 \\ 1 \quad \underline{\quad} X \end{array}$$

Onde $x = (3,457 \times 1) \div 200 = 17,28$ metros

Se o preço da tonelada é de R\$ 7,92 e se uma tonelada equivale a 17,28 metros, o preço do metro da cana será de:

$$\text{R\$ } 7,92 \div 17,28 = \text{R\$ } 0,45$$

(Fonte: FERREIRA, 2008, adaptado Sampaio, A. C. S. T.).

Porém, esta conversão não é capaz de aplicar um preço justo para todo o canavial, pois as canas variam muito de tamanho e espessura em um mesmo talhão. Devido a esta conversão de toneladas/metro serem realizadas pelos usineiros, sem ter a fiscalização dos cortadores, estes valores podem ser manipulados, como relata Alves (2008):

O pagamento por produção da cana é completamente diferente do pagamento por produção efetuado em outros setores (...) A diferença fundamental é que nos demais setores onde ainda prevalece o pagamento por produção ou o pagamento por “peça”, o preço pago pela peça é previamente conhecido pelos trabalhadores antes do início do trabalho. Na cana, o preço pago pela

quantidade de cana cortada só é conhecido pelos trabalhadores depois que o trabalho é executado (...). O pagamento por produção efetuado na cana foi cientificamente desenvolvido para que o trabalhador não saiba previamente quanto produziu e não possa controlar o seu pagamento e o seu processo de trabalho (ALVES, 2008, p. 36).

Por este sistema de pagamento não passar por uma fiscalização, ele não é capaz de proporcionar um pagamento justo aos trabalhadores. Portanto, o sistema por produção Campeão surgiu para desmobilizar os cortadores (ALVES; NOVAIS, 2011). Sendo apenas um disfarce para esconder que o valor do metro/cana é aplicado muitas vezes nos canaviais pelo “olhômetro”⁶, não sendo realizada a conversão corretamente.

Esta questão pode ser evidenciada na entrevista realizada com uma trabalhadora medidora de cana, quando perguntamos como era realizada a conversão da tonelada/metro para informar o preço aos trabalhadores.

A cana nunca foi assim não, pesada. O encarregado avaliava a cana com os olhos, passava para os fiscais gerais o valor do metro, que repassava para nós medidores. Porém só depois das dez horas era passado para os cortadores o valor do metro para eles não desanimar (Medidora 35 anos, 2019).

Devido não ser realizada a conversão em tonelada/metro os cortadores estão sendo prejudicados, evidenciado na fala da medidora, pois, se a conversão fosse efetivada, poderia aumentar o preço do metro/cana, e o laborioso não precisaria despender tanta energia para ter um bom salário. No entanto, os trabalhadores não estão sendo prejudicados apenas com relação ao valor pago pelo metro/cana, mas também pelo episódio de enganos na metragem do eito realizado pelo medidor, uma vez que, no final do expediente, quando os cortadores já cortaram vários eitos, os medidores podem perder o controle da sequência destes eitos:

Para saber a sequência dos eitos tínhamos uma prancheta com o nome e o número de cada trabalhador e sua posição. Os primeiros eitos sim, tínhamos como saber, os demais já têm que ter muita atenção, pois a sequência dependia de quem acabava primeiro e ia pegar outro eito aonde ainda tinha cana sem cortar (Medidora, 35 anos, 2019).

⁶ Olhômetro é a nomenclatura dado aos encarregados que aplicam o preço da cana apenas pelo olhar, não sendo realizadas a pesagem e a conversão da tonelada em metros corretamente.

Outro acontecimento que contribuiu para ter variações nas metragens são as medidas adicionais realizadas nos talhões dos canaviais, para finalizar a jornada. Estas metragens são oferecidas pelos fiscais aos trabalhadores para terminar o talhão no final do expediente:

Sim, no final do dia para liberar o talhão a gente oferece uns metros a mais, pois não é viável outro dia uma turma se deslocar para cortar pouca cana. Incentivamos os cortadores a ajudar terminar os eitos, daí a gente acrescenta na metragem em torno de 5 a 10 metros para terminar o trabalho. (Medidora 35 anos, 2019)

Esta “bonificação” é oferecida aos trabalhadores que terminam seus eitos e ainda têm disposição e resistência física para continuar o trabalho. Esta “bonificação” é somente para os mais resistentes, o que causa desvantagem para os trabalhadores com menos produtividade, aqueles que têm um ritmo diferente e cortam menos, normalmente, mulheres.

Este fato reflete a diferença salarial de um trabalhador para a trabalhadora do corte de cana: enquanto os que produzem mais ganham em torno de R\$2.500,00 reais, os de menor produtividade ganham em torno de R\$1.000,00 a R\$1.200,00 reais. A mão de obra feminina do corte de cana recebe metade do salário recebido pela mão de obra masculina.

Campos (2011) menciona que esta forma de pagamento por produção não apenas tira proveito da condição física entre homem e mulher, como também ocasiona o aumento da pobreza feminina no campo. Evidencia-se, então, que é preciso estabelecer critérios diferentes quando a atividade for diferente.

A amplitude dos espaços utilizados para o plantio de cana reflete-se em tipos diferentes de solos, ou diferentes topografias. Exemplificando, nos terraços fluviais o corte de cana torna-se uma atividade que acontece de forma mais lenta, “atrasando” o trabalho. Assim sendo, propõe-se critérios diferenciados de pagamento que considerem essas diferenças naturais. Contudo, persiste um impasse: em vez de discutir-se critérios que resolvam o problema deste desvio de pagamento, promove-se concorrência entre os trabalhadores, desmobilizando-os socialmente, os quais passam a competirem entre si, sem se darem conta que estão na mesma condição, ou seja, em desvantagem.

Nesta perspectiva, Silva (1999) relata que o pagamento por produção “é um salário que reforça as diferenças de habilidade, força, energia individualmente, provocando diferenças nos seus rendimentos e o estabelecimento de concorrência entre eles” (SILVA, 1999, p. 82).

Esta competição origina o trabalhador padrão: o bom cortador é aquele que tem boa produção enquanto que trabalhadores que cortam menos eitos são comparados e considerados “fracos”.

Esta alegoria não é tão simples como pode parecer. As diferenças no resultado da produtividade não passam somente pelos aspectos naturais, senão também pelos aspectos físicos humanos: há mulheres que cortam tantas ou mais canas que os homens. Quando isso acontece, elas são deslocadas entre as equipes de trabalho e alocadas na equipe das mulheres que cortam menos cana, pois quando uma mulher passa a cortar mais cana que um homem, ele recebe vulgos e humilhações pelo seu rendimento no trabalho ser menor, o que evidencia uma questão de tratamento entre gêneros no trabalho dos canaviais. A situação piora para as mulheres que são alocadas na turma que apresenta baixa produção, as quais ficam condicionadas a pegarem os últimos eitos.

Diante destes acontecimentos, a relação estabelecida entre os cortadores é de constante competição. Os que cortam cana abaixo da meta são chamados de “vagabundos, preguiçosos,” enquanto os que cortam mais toneladas são chamados de “trator, bons, máquinas,” ambos comparados a um equipamento que os levou àquelas condições de trabalho, que os desempregou, e evadiu-os da área rural.

No entanto, os trabalhadores não reconhecem essa diferença de tratamento como sendo exploração do trabalho e seguem produtivos para o setor canavieiro. Eles não compreendem que estas práticas de competição mascaram a exploração das condições de trabalho, refletindo-se no salário e nas condições de saúde. As cortadoras, quando perguntadas, preferem o pagamento por produção (salário pago pelo tempo trabalhado).

Ah, por produção é melhor, pois se a gente se esforça ganha mais, mas se também aquele dia a gente não quer trabalhar o dia todo, a gente para antes de acabar o eito. Se fosse fixo teríamos que trabalhar o dia todo, até as 16h00min horas. Tem dia que eu trabalho até as 14h00 principalmente se o sol estiver muito quente (Cortadora de cana, 32 anos, 2019).

Esta ilusória liberdade que estas mulheres têm em “optar” por parar de trabalhar quando acham necessário, reafirma a preferência pela forma de pagamento por produção; elas não percebem que, mesmo dentro do tempo que trabalham, ainda poderiam exigir essa equidade nos critérios utilizados para o pagamento da jornada de trabalho. Outro fato relevante é a intensificação no trabalho, mas não percebido pela cortadora:

É melhor por produção, fixo não dá certo não, pois a gente trabalha bastante é esforçada. Se fosse fixo iríamos cortar mais cana do que aqueles que são “preguiçosos” e ainda iríamos ganhar o mesmo salário, daí isto não ia dar certo não. Por produção quanto mais a gente corta mais a gente ganha, então a gente se esforça o máximo possível para ter um bom salário (Cortadora de cana, 44 anos, 2019).

Diante do exposto, a intensidade deste trabalho é condicionada pela forma de pagamento por produção, a qual faz com que o (a) cortador (a) trabalhe constantemente para ter um bom salário, evidenciado no salário por peça de Marx (2001), “no trabalho por peça a receita obtida será conforme a habilidade, força, energia, a persistência de cada trabalhador individual” (MARX, 2001, p. 641).

Esta forma de pagamento é conveniente e apresenta mais lucro para as indústrias, porquanto, se o pagamento fosse fixo, diminuiria a produção dos cortadores e exigiria um maior número de fiscais, cobrando quantitativamente/qualitativamente o desempenho no trabalho.

No espaço do canavial, na entressafra da produção da cana, os cortadores em 2018 receberam salário fixo de R\$ 1.092,00 pela jornada. Neste período, eles realizam vários serviços como: limpeza de estradas, capinação, entre outros.

O que chama atenção é que no período de entressafra, os cortadores com rendimento menor no corte de cana possuem melhor desempenho nas atividades realizadas na diária, relatado na fala de um fiscal:

Os cortadores com menor produtividade no corte na entressafra são os que menos dão trabalho. Eles continuam com o seu mesmo ritmo de trabalho não sendo necessário cobrar deles. Já os que cortam muita cana, não acham justo ganhar tão pouco e enrolam no que pode, sendo necessário chamar a atenção deles várias vezes. Alguns até se escondem, quando percebo que não saíram no carreador tenho que entrar no canavial e ver o que estão fazendo. Alguns são até pego de surpresa, sentados e são advertidos quando isto acontece (Fiscal, 52 anos, 2019).

Durante a safra devido o trabalho ser por produção, a fiscalização no rendimento desta atividade passa a ser desnecessária. O fiscal passa apenas a ser responsável por conferir e cobrar a qualidade do trabalho, observando se as canas estão sendo cortadas rente ao chão, se estão

enfileiradas na esteira⁷ e se os ponteiros estão sendo retirados corretamente, conforme Figura 1.

Figura 1: Canas dispostas no chão para o trabalho do trator esteira e ponteiros retirados. Tamboara – PR.



Fonte: Sampaio, A, C, S, T. (2018).

Porém, mesmo que o corte de cana seja realizado por produção, isto não elimina a figura do fiscal nos canaviais. Segundo eles a manutenção da qualidade no trabalho fica evidente quando os cortadores deixam “telefones”⁸ e “jacarés”⁹ e recebem advertência. E se mesmo assim não realizarem o trabalho corretamente, depois de três advertências, o encarregado aplica um gancho¹⁰ de três dias, resultando em redução do salário. Desta forma, compreendemos que Estas ações se tornam uma ferramenta importante para manter a qualidade do trabalho nos canaviais.

Outra condição é o mínimo de trabalho exigido, ou seja, quando a produção esperada não é obtida, o trabalhador é demitido. O comportamento destes trabalhadores é regulado pelo medo de receber advertência ou até mesmo de perderem o emprego, acatando as normas exigidas no trabalho, o que não significa que concordam com estas regras, pois, no discurso

⁷No corte de cana a esteira é como as canas devem ser condicionadas entre a segunda e quarta rua do eito. As canas ficam enfileiradas na vertical para facilitar no carregamento da mesma pelos tratores guincho (ALVES, 2006).

⁸ Deixar ruas de cana sem cortar.

⁹ Tocos de canas que não foram cortados rente ao chão.

¹⁰ Gancho é a dispensa do cortador no trabalho durante três dias, sendo descontado do pagamento.

oculto¹¹ da cortadora (33 anos, 2019), ela menciona que “estes telefones é uma forma de demarcar o eito antes de ser invadido por outro trabalhador”, configurando-se uma linguagem.

A demarcação do eito, de acordo com esta cortadora, possibilitaria a garantia de uma boa metragem no fim do dia, sendo uma delimitação territorial do eito, que, no entanto, fora proibida. Portanto, compreendemos que estas condições de trabalho mencionadas poderiam ser amenizadas com critérios distintos de medição segundo o solo e a topografia sendo considerados a dificuldade na realização deste trabalho e o baixo rendimento que estes eitos oferecem.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa compreendeu-se que em virtude do pagamento ser por produção, em que o preço do metro/cana é estipulado pelos usineiros, os trabalhadores (as) se sujeitam a despendar toda a sua energia e, muitas vezes, não recebem o valor real do seu trabalho. Os valores indevidos do metro/cana repassados pelos usineiros aos trabalhadores levam os cortadores de cana ao esgotamento, e isso se agrava, já que os terraços e eitos com canas entrelaçados não são pagos de acordo com a suas dificuldades no rendimento do trabalho. Os usineiros estipulam um valor no metro/cana, mencionado como no “olhômetro”. Baseiam-se no fato de a cana ter rendimento no corte ou não, para estipular um valor.

Não levam em consideração que os eitos são diferentes; que o terreno com declividade dificulta a atividade, diminui o rendimento, que o solo seco e duro cega o facão atrasando o trabalho. Além disso, não admitem que os eitos com canas entrelaçadas farão com que a trabalhadora despenda 4 a 6 vezes mais golpes para cortar e acomodar a cana na esteira, o que leva estas mulheres a serem acometidas por sérios problemas de saúde, reduzindo a capacidade de sua vida útil.

Consequentemente, a dificuldade do trabalho de cortar cana vai além da forma de pagamento por produção, e isto pouco é mencionado e observado pelos usineiros, pois eles não precisam enfrentar um trabalho que exija segurar um facão pesando aproximadamente dois quilos durante oito horas e, realizar inúmeras flexões carregando o peso dos EPIs.

¹¹ Scoot (2013, p. 31) menciona que o discurso oculto caracteriza o discurso que têm lugar <<nos bastidores>>, fora do campo de observação direta dos detentores de poder.

Enfim, chega-se ao entendimento de que as condições de trabalho dos homens e mulheres que lidam com o corte de cana, cujas dificuldades tratou-se neste artigo, poderiam ser amenizadas com critérios distintos de medição segundo o solo e a topografia, sendo consideradas as limitações do manuseio na realização das tarefas em solos diferenciados e o baixo rendimento que estes eitos oferecem, efetuando assim um valor justo a ser pago levando-se em consideração as peculiaridades de cada eito de cana, o que poderia reduzir o desgaste físico que estes espaços proporcionam.

Referências

AGROCANA. **Condomínio de Produtores Rurais de Cana-de-Açúcar**, 2019. Disponível em: <<https://agrocana.agr.br/index.php>>. Acesso em: 23 set. 2018.

ALVES, Francisco. **Porque morrem os cortadores de cana?** Scielo, São Paulo, v. 15, n. 3, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-1290200600030008script=sci-arttext>> Acesso em: 17 jun. 2018.

ALVES, Francisco. **Trabalho e trabalhadores no corte de cana: ainda a polêmica sobre o pagamento por produção e as mortes por excesso de trabalho**. In: BISON, Nelson; PEREIRA, José Carlos Alves (Orgs.) *Agrocombustíveis, solução? A vida por um fio no eito dos canaviais*. São Paulo: CCJ, 2008, p. 22 - 48.

ALVES, Francisco; NOVAES, José Roberto Pereira. **Precarização e pagamento por produção: a lógica do trabalho na agroindústria canavieira**. In: FIGUEIRA, Ricardo Rezende; PRADO, Adonia Antunes; SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de (Orgs.). *Trabalho escravo contemporâneo: um debate transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

BEAUCLAIR, Edgar. **Conceitos gerais em Cana-de-açúcar**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1963847/mod_resource/content/1/bot%C3%A2nica%20e%20fenologia%202016.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio: trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil: o caso de Cruz Alta/RS**. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. (EMBRAPA). Disponível em: <<https://www.embrapa.br/documents/10180/13599347/ID01.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Variedades RB de cana-de-açúcar**. Disponível em:

<https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/VarietadesRB_2008+apostila_000fxga3a3302wyiv80soht9hctswek2.pdf>. Acesso em 25 fev. 2020.

FERREIRA, Leda Leal et. al. **Análise Coletiva do Trabalho dos Cortadores de Cana da Região de Araraquara**, São Paulo: FUNDACENTRO, 2008. Disponível em: <<https://institutopeabiru.files.wordpress.com/2014/11/2008-fundacentrosaopauloanalise-coletiva-cortadores-de-cana.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2019.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001[1868].

SAMPAIO, ARIANA CASTILHOS DOS SANTOS TOSS. **O trabalho das cortadoras de cana-de-açúcar no município de Tamboara - PR: exploração da mão de obra feminina**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 125 p. 2020.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do Fim do Século**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A morte ronda os canaviais**. In: Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, vol 33, n. 2 ago./dez. 2006b, p. 111 - 141.

SIGAUD, Lygia. **Os Clandestinos e os Direitos**: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

UNIÃO NACIONAL DA BIOENERGIA (UDOP). **Energia que Inova**. Disponível em: <https://udop.com.br/index.php?item=noticias&cod=1135561>>. Acesso em: 20 set. 2019.

Recebido em 13 de julho de 2021.

Aceito em 10 agosto de 2021.

Publicado em 10 de setembro de 2021.